

A ANÁLISE SEMIÓTICA NA CONSTRUÇÃO DO TERROR ATMOSFÉRICO NO CONTO “O GATO PRETO”, DE EDGAR ALLAN POE

Letícia Batista Corrêa BONETTI¹
Profa. Msc. Eliana S. Oliveira VALENTE²

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a análise dos signos empregados na tessitura do conto “O gato preto”, publicado em 19 de agosto de 1843, por Edgar Allan Poe. O objetivo é destacar os principais signos instituídos na construção do texto e verificar os efeitos de sentido promovidos ao sujeito leitor a partir deles, sendo capazes de criar a atmosfera de terror que caracteriza os contos de Poe e colaboram na antecipação do seu desfecho.

PALAVRAS-CHAVE

Análise semiótica, “O Gato Preto”, atmosfera de terror

1. Introdução

Edgar Allan Poe foi um escritor estadunidense da era romântica reconhecido por sua capacidade inovadora de criação, trazendo ao cenário literário aspectos macabros e obscuros que levam suas obras a um caminho sombrio. De ampla produção, Poe redigiu romances, poemas e também foi um dos primeiros autores norte-americanos a se dedicar assiduamente ao gênero conto, onde o próprio afirma, em “A filosofia da composição”, que determinado tipo de texto é escrito não por acaso ou por impulso inspirativo, como afirma a teoria do poeta possesso, mas sim com um sistema rígido de produção e tessitura, com o intuito de causar impacto e trazer a sensação de Beleza.

Dentre suas obras, está o popular conto “O Gato Preto”, onde o narrador em primeira pessoa relata fatos que de início parecem corriqueiros, mas, no decorrer da história, fazem com que o leitor questione se tais acontecimentos são mera coincidência ou se trazem influência do sobrenatural, e aqui é encontrado o foco deste estudo: qual a função do uso de determinadas escolhas do autor dentro do texto? Como elas se relacionam entre si? Como agem sobre o leitor?

¹ Graduada em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – leticia.pierre@hotmail.com>

² Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – eliana.valente@hotmail.com

Com base em uma análise minuciosa do conto supracitado, e aplicando os estudos da semiótica, o presente trabalho pretende apresentar os signos em suas manifestações e formas na confecção da trama do autor americano, cujo enredo evoca no leitor diferentes sensações. Além disso, objetiva-se explicitar a maneira como eles foram utilizados para a construção do campo atmosférico do conto, discutindo os efeitos causados por tais signos e como eles conduzem o leitor para o desfecho da narrativa.

Tal análise será feita com o intuito de colaborar com estudos relacionados à leitura do conto através de um olhar que enxerga além da primeira camada do texto, levando a perceber os signos e figuras de linguagem, casando semiótica e teorias da literatura para a percepção de detalhes antes escondidos.

O trabalho se realizará com base em pesquisa bibliográfica, usando de autores relacionados aos estudos semióticos e também se atentando para as considerações de estudiosos que se debruçaram sobre as obras de Edgar Allan Poe.

2. A Semiótica: a magia dos signos e a construção dos sentidos

Ao ser questionada sobre métodos de comunicação, qualquer pessoa responderia que o principal ou, até mesmo, único método eficaz é a língua, em especial a palavra falada. Como sujeitos inseridos em sociedade, temos predominantemente a ideia de que o falar é o caminho mais rápido e viável de interação. Mas o campo comunicativo é muito mais amplo e rico do que isso, como bem observa a colocação abaixo:

Comunicação não se faz somente com palavras. Gestos, toques, imagens visuais e sonoras, até sensações olfativas ou gustativas fazem parte dos recursos de que se dispõem para a comunicação. Como as palavras, os sentidos também adaptam o ser humano ao meio socioambiental, constituindo fontes de conhecimentos. (ALCURE, 1996, p. 98)

A Semiótica nasceu justamente por haver grande variedade de elementos comunicativos e a necessidade de compreendê-los. Santaella (1983) define Semiótica como uma ciência investigativa de todas as linguagens possíveis, que chega a abranger o que chamamos de vida, examinando os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno que produz sentido ou significado. Diz-se que tal ciência abrange a vida porque, nela, encontra-se um conjunto de construções e contratos sociais utilizados comumente no dia a dia do sujeito, sem que ele nem perceba: o clima (quando há nuvens escuras no céu, sabemos que vai chover), os sinais de trânsito, os aspectos físicos das pessoas ao nosso redor que nos fazem entender se elas estão tristes, felizes, etc. O ato de perceber e interpretar determinados sinais é chamado de leitura

semiótica, ou seja, é necessário compreender signo como “qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo) que representa uma outra coisa” (SANTAELLA, 1983, p 8). A autora acrescenta ainda que

Qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações, etc. Por isso mesmo, pensamentos, emoções e reações podem ser externalizados. Essas externalizações são traduções mais ou menos fiéis de signos internos para signos externos. (SANTAELLA, 1983, p. 10)

Ainda sobre a natureza geral dos signos, referenciamos o mundo e distinguimos os seus componentes graças ao emprego deste ou daquele signo. Desta forma,

(...) **signos** são entidades em que sons ou sequências de sons - ou as suas correspondências gráficas - estão ligados com significados ou conteúdos (...) Os signos são assim instrumentos de comunicação e representação, na medida em que, com eles, configuramos linguisticamente a realidade e distinguimos os objetos entre si. (VILELA & KOCH, 2001, p.52)

Uma das principais fontes de estudos semióticos se dá por Charles Sanders Peirce, que remodela a estrutura signica e afirma que três elementos formam o signo: o representamen (representação do objeto físico), o objeto (ideia associada ao representamen) e o interpretante (mediador da relação entre objeto e representante). Em esclarecimento, Santaella (1983) afirma que o signo é apenas uma representação, uma substituição de um objeto, e não a concretude do mesmo, e só funciona como tal devido a sua capacidade de representá-lo. Exemplo: o desenho de um gato, a foto de um gato, não são o próprio animal, mas uma representação signica do mesmo.

Nota-se, assim, que a semiótica trabalha com a construção de sentido através do sujeito: seus conceitos sociais, ideológicos, o meio em que nasceu e está inserido e sua faculdade de ler o mundo. Essa ciência exige de seu leitor determinada maturidade e, riqueza de conhecimentos: quanto maior o acervo do sujeito, mais competência para observar as riquezas dos signos empregados num texto ele terá. Como ciência utilizada para ler tudo que está ao nosso redor, Pignatari (1979, p.12) estabelece a serventia da Semiótica:

Mas afinal, para que serve a Semiótica? Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não verbal.

O desafio deste trabalho será abordar o texto literário de Poe sob essa perspectiva, levantando os principais signos e construindo os efeitos de sentido gerados pela presença de cada um no desenrolar do conto analisado. Segundo Ferraz (2004, p. 04):

Para enfrentar a questão da operacionalidade da Semiótica peirceana, no que se refere à análise literária, retornemos à constatação, aparentemente consensual, de que o texto literário é um **signo** (complexo, porque composto de muitos signos) **icônico**. A matéria-prima da literatura é o símbolo (a palavra), mas o artista a emprega de um modo especial, visando ao que Pignatari (1979), reformulando a função poética de Jakobson, definiu como uma *projeção do icônico sobre o verbal*. Nesse contexto, o signo linguístico tem sua arbitrariedade relativizada e tende a transformar-se em signo icônico, isto é, tende a imitar as características do seu objeto. A principal contribuição da Semiótica para a literatura é a compreensão de como se constrói essa *iconicidade* da linguagem literária.

3. Edgar A. Poe e “O gato preto”

(...) nada é mais complexo que um reflexo. É preciso entender que Poe não usa uma máscara. Ele traz consigo o capacete de Hades e, assim como o poderoso senhor do submundo, tem o poder de ficar invisível para reinar sobre os mortos. (GONÇALVES, 2017, p. 12)

Edgar Allan Poe nasceu em Boston no dia 19 de janeiro de 1809. Filho de atores, foi abandonado pelo pai com apenas um ano de vida, e perdeu a mãe, Elizabeth Poe, para a tuberculose no ano seguinte. Órfão e separado de seus dois irmãos, é adotado por John e Frances Allan. O garoto cresce em um lar rico, mas vazio de amor e repressivo pela parte de seu pai, uma figura severa e opressora. Com apenas 20 anos, Edgar já havia passado por muitas mudanças de cidade, problemas financeiros (alguns referentes ao vício do jogo), a perda da mãe e o rompimento com o pai adotivos e o fim de seu noivado com Sarah Elmira Royster, devido a uma traição. Com uma personalidade rebelde e inquieta, o escritor passa por diversas escolas e até mesmo pelo Exército, mas não obtém sucesso.

Aos poucos, a carreira de Edgar alça voo, em alguns momentos como redator e editor de jornais, em outros ganhando concursos, e assim consegue divulgar seus contos e até mesmo seus livros. Em 1836, casa-se com Virgínia Clemm, sua prima de apenas 13 anos e vive uma fase de altos e baixos pelos 10 anos seguintes, publicando materiais que seriam muito bem recebidos e lhe renderiam convites aos círculos literários e eventos de alta patente. Em 1847, Virgínia morre aos 27 anos de tuberculose, mesma idade e causa da mãe biológica de Edgar. Já em um estado decadente e debilitado por razão do vício da bebida e do ópio, Poe adoece. Passa por mais algumas paixões breves, falha em uma tentativa de suicídio e em 3 de outubro de 1849 é encontrado delirante, usando vestes que não lhe pertenciam em uma praça de Baltimore. Morre dia 7 de outubro.

Dentre todo o caos gerado pelos traumas e fatalidades, vê-se crescer a atmosfera que cerceia as obras de quem foi, e ainda é, um dos maiores escritores do terror americano, admirado por nomes como Charles Baudelaire e Howard Phillips Lovecraft. Não há como negar que Poe está em seus escritos: nos “amores” mórbidos, nos vícios que levam ao delírio e fazem com que o leitor duvide daquela realidade, nos acontecimentos sobre os quais ele nos planta a dúvida, principalmente, por seus narradores febris e doentios.

Em “O Gato Preto”, objeto de estudo do presente trabalho, temos a exegese do protagonista não identificado, que cometeu um homicídio e sente a necessidade de contar sua história antes de ser enforcado. Em primeira instância, os fatos parecem normais: fala sobre sua infância, onde era uma criança dócil e apaixonada por animais e, quando cresce, se casa com uma mulher com a mesma afeição, levando-os a adotar diversos animais. Dentre eles, há um animal preferido: Plutão, o gato preto – que é descrito como um ser exuberante e de extrema inteligência, chegando a ser comparado com uma bruxa disfarçada. Aos poucos, o relato começa a tomar um tom negativo, onde se vê mudanças de personalidade no homem, que adquiriu o vício da bebida e começou a ser agressivo com seus animais e sua esposa, com exceção do gato.

A paz do felino não durou muito. Tomado por “fúrias demoníacas” e possuído pelo “espírito da perversidade”, o narrador fere Plutão e, dias depois, mata-o enforcado. Após algum tempo, confuso em seus sentimentos, o relator encontra em uma de suas noites de bebedeira, outro gato preto deitado em cima de barris de bebidas, que só diferia de Plutão por ter uma mancha branca no pescoço. Se afeiçoam imediatamente e vão juntos para casa. A mulher também se apaixona, mas não demora para que o homem comece a lembrar de seu ato e crie repulsa pelo gato, ainda mais por ele demonstrar-lhe tanto amor. Um dia, para seu desespero, nota que a mancha no pescoço do animal tem a forma de uma forca e, que assim como o gato morto, a este também falta um olho. Os delírios paranoicos do homem só aumentam e ele se torna cada vez mais agressivo, relatando violência física até contra a sua mulher, e dizendo que, em sua alma, só sobrou o ódio.

Certo dia, ambos descem até o porão acompanhados pelo felino, e ele tropeça no animal. Isso lhe causa uma onda imensa de raiva, resultando em um golpe de machado, que acidentalmente acerta em cheio a cabeça da esposa. O gato some, e o homem sepulta a mulher na parede. Tranquilo com o sumiço daquele que o aterrorizava e com seu “crime perfeito”, os dias seguem. Porém, numa noite, a polícia bate à porta e exige uma averiguação na casa. Tudo corria bem e o assassino soube disfarçar até certo ponto, mas, ao bater na parede onde jazia o corpo, todos ouviram um barulho horripilante, semelhante a um grito, misturado com choros de

crianças e urros. Os policiais ficaram imóveis por um tempo e, em seguida, desmascararam o culpado: ali, em pé, atrás do reboco, estava um corpo em decomposição e, em sua cabeça, com a boca aberta e o único olho flamejante, estava prostrado o gato preto.

4. A construção Semiótica de “O gato preto”

Conforme proposto anteriormente, a análise do corpus consistirá em discutir os signos que compõem a construção da atmosfera de terror do conto selecionado. Vê-se, no decorrer do texto, diversos elementos que causam antíteses, paradoxos e levantam dúvidas no leitor através de fatos que parecem corriqueiros, mas, ao longo da narrativa, atravessam a linha de naturalidade, atingindo a construção do que na Literatura nomeia-se fantástico.

O fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu “possível” é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor, nada além da incerteza. A falácia das probabilidades externas e inadequadas, as explicações impossíveis – tanto no âmbito do mítico – se constroem sobre o artifício lúdico do verossímil textual, cujo projeto é evitar toda asserção, todo significado fixo. O fantástico “faz da falsidade o seu próprio objeto, o seu próprio móvel”. (CHIAMPI, 1980, p. 56).

“O gato preto” é um dos contos mais conhecidos de Poe, cujo título, na tradição ocidental, está relacionado a azar, a maldição, bruxaria, conforme será exposto mais adiante. O fantástico se insinua já no início da narrativa, quando se questiona a veracidade dos fatos e a hesitação entre o real e o sobrenatural é imposta.

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando (POE, 2017, p. 85).

Surge então um narrador sem nome que apresenta um discurso com aspecto de confissão, cheio de características reversas e com cunho catártico:

Meu intento imediato e expor perante o mundo, de maneira direta, sucinta e sem especulações, uma série de meros acontecimentos domésticos. Tais acontecimentos, em suas consequências, me aterrorizaram, me torturaram, me destruíram. No entanto, não tentarei explaná-los. Para mim, apresentaram-se como total Horror — para muitos, hão de parecer mais barrocos do que terríveis. É possível que, doravante, algum espírito mais sábio possa reduzir minha ilusão ao lugar-comum — algum sábio de natureza mais calma, mais lógica e menos excitável do que a minha, que perceberá, nas circunstâncias que detalharei com assombro, nada além de uma sucessão insuspeita de causas e efeitos bastante naturais. (POE, 2017, p. 85)

¹Após essa passagem, inicia-se uma contação em *media res*¹, dando início a explanação de acontecimentos que levaram o homem àquele momento, preso e a um dia de sua execução. A cela acomete ao se estar encarcerado, signo que o autor pode ter utilizado para, simbolicamente, “prender” o leitor ao conto. A narrativa pode ser dividida em duas fases, sendo a primeira o relato da vida corriqueira do protagonista até o momento em que ele começa a ser violento, chegando ao ponto de matar seu gato enforcado. A segunda fase é sua degradação, o encontro com outro gato muito parecido com o primeiro e a assinatura de sua sentença.

Na primeira fase, encontram-se signos que serão essenciais para a amarração e o desenrolar da narrativa, construindo um campo semântico cheio de pistas que geram surpresa e perturbação no leitor, essenciais para o desfecho. Dentre os mais relevantes nesta parte, aparecem o “gato preto” cujo nome é “Plutão”, o “alcoolismo”, o “olho arrancado” e a “força”.

Como já fora mencionado, o título do conto “O gato preto” instaura desde o princípio uma atmosfera de superstição e medos, tradicionalmente constituída ao longo de gerações. O narrador dá uma pequena introdução de como foi sua vida na infância e relata ter afeição aos animais desde aquela época, afirmando se dar melhor com eles do que com pessoas no geral. Ao crescer, continua com tal afeição e encontra uma esposa com o mesmo gosto, levando-os a ter várias espécies em casa e dentre eles, está o felino:

Tivemos pássaros, um peixe-dourado, um cão, coelhos, um mico e um gato. Este último era um animal de porte e beleza sem par, todo negro e de uma sagacidade impressionante. Ao comentar sobre sua inteligência, minha mulher — que, no fundo, era um pouco influenciada pela superstição — aludia repetidas vezes à antiga credence popular, segundo a qual todos os gatos pretos eram bruxas disfarçadas. (POE, 2017, p. 86)

Lexikon (1997) afirma que o preto é o oposto do branco, sendo a total presença ou a ausência. A cor tem um forte aspecto negativo, sendo utilizada em situações que estão relacionadas a morte e, em várias culturas, ao luto. Também possui ligação ao período noturno e às forças ocultas, remetendo a espíritos, entidades malignas e rituais. O gato é também ambivalente, tendo em cada cultura uma simbologia diferente: para os egípcios, os gatos eram a representação da Deusa Bastet, protetora do lar, das mães e das crianças. Já na Idade Média, os gatos, principalmente os pretos, eram considerados animais de bruxas, sendo acompanhantes e parte de seus ritos, ou até mesmo uma delas disfarçada. O gato preto macho era símbolo do Diabo, e os supersticiosos viam no animal a premonição do caos e da desgraça. Atualmente, o

¹ ¹ Técnica narrativa literária que consiste em relatar os acontecimentos da história, não pelo seu início (*ab ovo* ou *ab initio*), mas pelo momento crucial e pelo meio da ação, como forma de cativar a atenção do leitor.

gato preto ainda é visto como mau agouro. É importante ressaltar também a crença popular de que gatos são animais que possuem 7 vidas, podendo ressuscitar, renascer.

A cultura popular tem atribuído a esse animal uma significação ligada ao ocultismo e ao mistério. O gato, ao longo de vários séculos, sempre foi objeto de mitos e superstições, atribuindo-se a ele características obscuras como o fato de ser o condutor da alma dos mortos, devido à sua espantosa capacidade de sobrevivência e à sua suposta personalidade vingativa. Poe não poderia ter sido mais cuidadoso na escolha de um ícone para representar as forças que a cultura exercia sobre o homem de sua época. (RAMOS, 2012, P. 88)

Assim, o leitor do conto já é convidado, a partir do título, a mergulhar numa atmosfera de morte, mistério, azar, sobrenatural e aspectos obscuros da existência humana, como se comprova no desenrolar da narrativa.

Na fala seguinte, o leitor é oficialmente apresentado ao gato, tendo seu nome revelado: *“Plutão, o gato, era meu animal de estimação favorito, meu melhor companheiro. Só eu o alimentava e ele me seguia por toda parte.”* (POE, 2017). O narrador recupera primeiramente a superstição ocidental acerca dos gatos pretos serem feiticeiras disfarçadas e, por isso, darem azar para logo em seguida dizer o nome do seu gato, Plutão – ou Pluto, dependendo da tradução – que, segundo Gonçalves (2017) faz referência ao deus romano do submundo, equivalente a Hades para os gregos – o deus dos mortos e das riquezas, que possui o poder de se fazer invisível. Plutão surge, então, como a preciosidade e fonte de felicidade de seus donos e, num nível mais profundo, como preanúncio dos acontecimentos trágicos e lúgubres que se seguiriam, sempre intermediados pela figura do gato, curiosamente o responsável pela justiça feita à mulher morta ao final do conto, daí a ideia de “deus dos mortos”.

A narrativa se dá com naturalidade e com o passar do tempo, as atitudes do narrador vão se transformando e ele passa a descrever seus atos de agressão verbal e física a sua esposa e contra seus animais, com exceção do gato, a quem ele não machucou devido a sua imensa afeição e favoritismo. Tal mudança de temperamento se deu ao início do consumo de bebidas alcoólicas, gerando um vício. O narrador afirma que *“a doença tomou conta de mim — pois o álcool é uma doença!”* (POE, 2017, p. 87).

Segundo Lexikon (1997), o álcool, ingrediente base de qualquer bebida destilada, é o elemento simbólico da união dos elementos opostos água e fogo – o intenso e o calmo, o explosivo e o que apazigua, o incêndio e o que o apaga. Assim, a personalidade do narrador antes passiva e calma, sob o efeito do álcool era violenta e perturbada, a ponto de levá-lo a cometer atos capazes de causar repugnância e asco no leitor:

Certa noite, ao chegar em casa muito embriagado após uma de minhas incursões noturnas pela cidade, cismei que o gato me evitava. Eu o segurei à

força e, assustado com tanta violência vinda de mim, ele feriu minha mão com uma leve mordida. Na mesma hora, fui possuído por uma fúria demoníaca. Mal podia me reconhecer. Minha alma parecia ter escapado e uma maldade mais do que diabólica, alimentada pelo gim, eletrizava cada fibra de meu corpo. Tirei um canivete do bolso do casaco, abri-o, agarrei O pobre animal pelo pescoço e, deliberadamente, removi um de seus olhos! (POE, 2017, p. 87)

A bebida se tornou então a chave da transformação, a libertadora do monstro que se anunciou a partir da oposição interna ao antigo eu. O calmo se tornou explosivo, o bom se tornou mal, ou seja, os elementos opostos se explicitaram, a ponto de o sujeito arrancar o olho do seu gato e depois enforcá-lo.

Conforme consta em Dicionário de símbolos (LEXIKON, 1997), o olho direito é responsável pelas cores claras, também ligado ao sol e ao futuro, já o olho esquerdo está ligado a cores escuras, à noite e ao passado. Ao cruzarem essas informações, elas são processadas e armazenadas no cérebro, principalmente aquilo que é “invisível” a nossa percepção (informações que são guardadas no inconsciente). Assim, mesmo que não se perceba, os olhos são uma janela para além do mundo visível a nossa volta. Os olhos também funcionam como amuletos sagrados de magia, proteção e vigilância divina. Ao retirar o olho de Plutão (esquerdo) o narrador reduz o efeito de vigilância do gato e, simbolicamente parece querer por fim ao que está oculto, no passado. Mas o que não esperava é que esse o poder de vigilância seria a razão de suas mazelas, o passado jamais é apagado e o perseguiria até o fim.

No fechamento da primeira parte, completamente tomado por seu vício, temos o ato crucial do narrador, que enforca Plutão:

Em uma manhã, a sangue-frio, passei uma corda ao redor de seu pescoço e o pendurei no galho de uma árvore; enforquei-o com as lágrimas correndo por meu rosto e sentindo a pontada do remorso mais pungente em meu coração; enforquei-o porque sabia que havia me amado e porque sentia que não me dava motivo algum para lhe causar mal; (POE, 2017, p. 88)

Carvalho (2013) afirma que o enforcamento foi, na Idade Média, uma sentença muito comum atribuída para mulheres acusadas de envolvimento com magia negra, bruxaria, feitiçaria e etc. Elas eram executadas em praça pública com o intuito de expor seus pecados e causar-lhes vergonha e humilhação. A escolha deste método é de grande significância já que, anteriormente, Plutão fora comparado com uma bruxa disfarçada merecendo, portanto, final semelhante ao delas. O que chama a atenção é que historicamente as mulheres acusadas de bruxaria e mortas nos enforcamentos públicos eram inocentes, assim como o gato, criatura inocente e amorosa.

Sobre a segunda parte do texto, a abordagem focará especialmente no que se refere ao fogo, ao machado, ao sepultamento da esposa, à polícia, à bengala, à denúncia do crime e à análise sobre o narrador.

Inicia-se na noite em que o gato fora enforcado, com o relato de um incêndio do qual, acordado por um grito, o narrador alega ter escapado com dificuldades junto com sua esposa e criado, e onde todos os seus bens materiais foram consumidos pelas chamas. Ferreira (2013) afirma que o fogo é o único elemento que aceita duas valorações opostas, carregado o bem e o mal, o brilho do Paraíso e o ardor do inferno, a doçura e a tortura. O fogo tem o poder de construir, como nos metais, no ouro e na lenda da Fênix, ou de destruir rapidamente qualquer coisa que estiver em seu caminho. No conto, o fogo consome tudo que ainda tem valor para o narrador e, posteriormente expõe seu pecado, dando um prelúdio do que está por vir – a visão de um gato enforcado na única parede que restou de sua casa. A memória das bruxas incendiadas na Idade Média é instaurada aqui, como prenúncio dos próximos atos, processo inconcluso com a morte do gato. Não bastava o enforcamento para findá-lo.

E a história recomeça. Agora preso à existência decadente e afundado em seu vício, o protagonista conta sobre as lembranças que lhe assombram, até mesmo a falta que sente do gato. Deseja encontrar outro animal que substitua Plutão e, nesse desejo, em uma noite num bar, encontra outro gato preto tão grande e belo quanto o anterior, diferindo apenas pelo fato de ter pelos brancos no pescoço:

Era um gato preto, enorme -- tão grande quanto Plutão-- e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Plutão não tinha um único pêlo branco em todo o corpo -- e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito. (...)“Pareceu-me ser exatamente o animal que estava procurando. Ofereci-me para comprá-lo do proprietário do local; ele, no entanto, alegou não ser o dono — nada sabia ao seu respeito nem nunca o vira antes.(POE, 2017, p. 90).

O animal vai para casa com o narrador e, imediatamente, parece estar à vontade e se torna o favorito da esposa. Não tarda, o sentimento de repulsa retorna e a convivência com o gato torna-se quase insuportável, ainda mais depois de perceber que ao gato também falta um olho e que os pelos brancos no pescoço formam nada mais nada menos que a forma de uma forca. O instigante é que o olho que falta neste gato é o mesmo que o narrador arrancara do seu animal e que fora por ele enforcado. O leitor é levado a estabelecer, diante do diálogo com as superstições consolidadas culturalmente, que Plutão ressurgiu à vida com as marcas que levaram para a morte. Conforme a narrativa se desenvolve, o homem é completamente tomado pelos maus sentimentos, e nada de bom lhe resta.

Certo dia, ela me acompanhou, por ocasião de um a fazer doméstico, até o porão da velha casa onde fomos obrigados a morar em virtude de nossa pobreza. O gato me seguiu, descendo pelos íngremes degraus e, quase me fazendo cair de cabeça, exasperou—me às raias da loucura. (POE, 2017, p. 92)

Sendo um signo também ambivalente, a simbologia do porão está ligada a cavernas ou grutas. Espaços geralmente escuros e úmidos, esses ambientes são relacionados a esfera da morte e, ao mesmo tempo, ao nascimento, seja ele do divino ou do profano. O porão também pode estar, para a psicanálise, associado ao inconsciente. Para Bachelard (1988, p. 36-7): “O porão é o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas e a imagem dele representa a irracionalidade das profundezas”.

O símbolo tem precisamente essa propriedade excepcional de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como das forças instintivas e espirituais, em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem (CHEVALIER, 2001, p. 14).

A exploração deste signo no conto parece dialogar diretamente com o estado de irracionalidade do narrador conforme se verifica na passagem:

Soterrado pela pressão de tais tormentos, o resquício de bondade que havia em mim sucumbiu. Pensamentos malignos tomaram-se meus únicos companheiros íntimos — as ideias mais tenebrosas e soturnas. A instabilidade de meu habitual temperamento acentuou-se em um ódio generalizado de tudo e por todos. (POE, 2017, p. 92)

No porão, o homem coloca em prática ações desprovidas completamente da razão e ataca o gato com um machado, mas a esposa defende o animal e “Instigado, pela interferência, a uma ira ainda mais demoníaca, desvencillei-me do toque dela e enterrei o machado em seu crânio.” (POE, p. 92, 2017). O machado, segundo Lexikon (1997) evoca a ideia de guerra e aparece em documentos antigos da franco-maçonaria, sendo interpretado como o símbolo de iniciação que se refere ao ato da abertura de um segredo oculto. Esses sentidos parecem coerentes com a atmosfera do conto, tendo em vista que o narrador se encontra num estado de guerra contra si mesmo e contra seus medos, em busca de libertar-se dos seus segredos mais profundos, numa confusão mental que intriga o leitor.

Que Deus me livre e guarde das presas do Demônio! Mal silenciara o eco dos meus golpes, reverberou uma voz vinda do túmulo! Um grito, primeiro abafado, entrecortado como o choro de uma criança, que, logo depois, cresceu em um som ensurdecedor e contínuo, anormal e inumano — um urro — um lamento pungente, que mesclava horror e triunfo, do tipo que só poderia ter vindo do inferno, escapando da garganta dos amaldiçoados em sua agonia e dos demônios que exultavam na danação. (POE, 2017, p. 95)

Com o crime cometido, o narrador sai em busca do gato, mas o animal “desapareceu”. Assim, decide se atentar a esconder o corpo:

Por fim, optei pela solução que me pareceu melhor do que qualquer uma das anteriores. Decidi emparedá-lo no porão — como, segundo relatos, faziam os monges com as suas vítimas na Idade Média. (POE, 2017, p. 93)

Dias (2015) afirma que a técnica do emparedamento feminino na Idade Média está ligada a clausura das mulheres na época, que se dedicavam exclusivamente a afazeres do lar, cuidados domésticos e dos outros integrantes da família. As moças estavam submissas a ideia pregada pelo cristianismo de castidade, silêncio e modéstia, e muitas delas mal eram vistas socialmente e, com o passar dos anos o grande número de mulheres enclausuradas nas residências se tornou o isolamento em mosteiros. O emparedamento relata a solidão dessas mulheres durante a vida e garante a mesma após sua morte. No geral, a técnica também remete ao inverso de “dar a luz”, é como voltar ao ambiente intrauterino até a morte e, após isso, renascer.

No conto, a retomada dos sentidos descritos ao termo emparedar (como na Idade Média) se estabelece como chave. Em nenhum momento no conto vê-se qualquer ação ou reação da mulher que tenha sido relatada pelo narrador, retratando a submissão feminina diante das atrocidades do homem no conto. Ela não é apresentada enquanto sujeito de ação, a não ser no momento em que é morta ao defender o gato. Sua única oposição a condena à morte. Emparedada pelo marido, ela “renasce” - cadáver em decomposição - para fazer justiça, graças ao gato: “O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes” (POE, 2017, p. 95).

Antes do surgimento do cadáver, no entanto, feito o crime e sem encontrar o gato, o homem se sente em paz. Dias passam e nada acontece a ele, que vive cada vez mais tranqüilo. Até que, em uma noite, a polícia aparece - ela que surge na narrativa como elemento de censura e superego, segundo Marques (1999), dando toque detetivesco ao conto - e realiza uma inspeção na casa do protagonista. Quando tudo parecia bem e os policiais já se despediam, o homem tem um momento súbito de descontrole: “E, nesse momento, tomado pelo frenesi da bravata, golpeei com a bengala que trazia na mão o local exato onde, oculto sob os tijolos, jazia o cadáver de minha estimada mulher” (POE, 2017, p. 94).

A bengala na passagem sugere o nível de decadência em que o protagonista se encontra. No desfecho, os policiais quebram a parede e encontram ali, o cadáver em decomposição e no topo de sua cabeça, o gato preto. O grito é a cartada final do conto, artifício que o animal usa para expor o próprio narrador. Afirma Marques (1999, p. 14) que:

No grito do animal exibe-se a face oculta do próprio narrador, a sua face monstruosa, que o leva a reconhecer a existência de uma *besta-fera* engendrada em si mesmo. Afinal, o narrador é o monstro. Prova indestrutível para ele de que o eu é o outro.

Assim se conclui a narrativa. Caminhando para um viés psicológico, entra-se na análise da personalidade do protagonista, sobre o qual serão tecidas algumas breves considerações.

De início, sua fala assemelha-se a uma necessidade de confissão e, ao afirmar não ser louco, já deixa pistas de seu estado mental. O homem afirma que na infância foi dócil e amável, e até sofria por essas características, perseguido pelos colegas e assim, se isolando. Aqui se apresenta na posição de vítima. Os anos se passam, seu espírito continua bondoso. O homem se casa, adota os animais e, entre eles, Plutão. A partir do momento em que o narrador relata suas mudanças, relacionadas ao consumo de álcool, nota-se um discurso ambíguo onde ele está sempre possuído por alguma força maligna, justificando seus atos terríveis. É visível a predominância e o poder do gato durante toda a narrativa e, sentindo-se fraco e incapaz, o homem - que antes era vítima - torna-se o agressor delirante e violento.

A inquietante estranheza, de acordo com a explicação freudiana, funda-se no fato de que no fantasma se verifica o retorno de um conteúdo familiar, doméstico, que fora recalçado pelo eu e deixado ao inconsciente. Mas que, ao retornar, assusta, amedronta, apavora. Como tal, o retorno do recalçado implica tanto uma repetição quanto a nomeação de uma realidade irrepresentável, inabordável, cuja visão aterroriza. (MARQUES, p. 09, 1999)

Todos os signos empregados no texto contribuem assim para, na primeira parte, compor um narrador que encontra uma “válvula de escape” de seus traumas de infância, onde o gato é sua vítima, e na segunda etapa, o gato passa a ser a voz da acusação, o duo criado pelo próprio protagonista e o faz enxergar toda a sua crueldade e os crimes que cometeu. O segundo gato aparece como a multiplicação, a reconstituição da vida após a morte, conhecedor da podridão alheia, apenas aguardando a hora de denunciá-la. Eis o fato denunciado, eis a morte anunciada!

A aparição do outro gato leva a narrativa a se reduplicar, instaurando o estranho no familiar. Prenunciando a destruição do protagonista, o felino coloca o problema do limite e denuncia uma mobilidade ameaçadora, ao fazer com que a morte insurja dentro da vida. (MARQUES, p. 13, 1999)

5. Considerações Finais

Após a realização da análise, nota-se como o autor trabalhou cuidadosamente na seleção dos signos a compor sua narrativa. O conto tem como base diversos estudos para construir sua

tessitura, investindo em signos recheados de efeitos simbólicos, recuperando inclusive fatos da história da humanidade, fazendo com que o leitor, se realmente dedicado ao texto, delicie-se num mundo de teorias e mistérios. O estudo também revelou que durante a narrativa podem ser percebidas pistas e dicas sobre os caminhos trilhados para se chegar a determinado desfecho. A atmosfera construída por Edgar A. Poe é completa e muito bem estruturada, causando confusão, dúvida, curiosidade e chocando nos momentos certos, prendendo a atenção do leitor e concretizando o terror, bem à moda do autor.

6. Referências

- ALCURE, Lenira F. **Comunicação verbal e não verbal**. 2.ed. Rio de Janeiro : Senac, 1996
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo, Perspectiva:1980.
- CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CARVALHO, Camila. **Bruxa: Da construção de um personagem à desmistificação do sujeito**. 2013. 15f. Artigo – UFMS, Mato Grosso do Sul, 2013.
- DIAS, Paula. **Para uma compreensão da Clausura Monástica e Emparedamento enquanto fenômenos históricos e religiosos**. 2015. 32f. Artigo – Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 2015.
- FERRAZ, Expedito. **Semiótica e Análise Literária: uma introdução**. 2004. 10f. Artigo- UNIR, Rondônia, 2004.
- FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachareladianos**. Londrina: Eduel, 2013.
- GONÇALVES, Márcia Heloísa. **Edgar Allan Poe: Medo clássico: Coletânea inédita de contos do autor**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MARQUES, Reinaldo. **A escrita fantástica de “O Gato Preto”**: A máquina do terror. 1999. 17f. Artigo - UFMG, Belo Horizonte, 1999.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura: icônico e verbal, Oriente e Ocidente**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe: medo clássico: coletânea inédita de contos do autor/ Edgar Allan Poe**; tradução de Márcia Heloísa Amarante Gonçalves – Rio De Janeiro: Darkside Books, 2017.

RAMOS, Karin Adriane Henschel Pobbe; LOPES, Rodrigo Viera. **O percurso do sentido no conto “o gato preto”, de Edgar Allan Poe.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Karin_Percurso.pdf>. Acesso em: 01 maio 2012.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica.** 1.e d. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VILELA, M. & KOCH, Ingedore V. **Gramática da língua portuguesa.** Coimbra: Almedina, 2001.